

# A mulher Warao em contexto migratório na cidade de Boa Vista-RR: O “trabalho” da mendicância

*Sandra Milena Palomino Ortiz*

## 1 INTRODUÇÃO

A grave crise econômica, a política na Venezuela e as facilidades para cruzar a fronteira, enchem as cidades de Roraima com venezuelanos em busca de alimentos e uma melhor qualidade de vida. Diante do aumento na quantidade de imigrantes venezuelanos que chegam ao estado de Roraima, e do maior número de pedidos de refúgio solicitados nos últimos dois anos chegando a cerca de 110%, conforme dados divulgados pela Polícia Federal, observam-se alguns deles trabalhando nos semáforos ou andando pelas ruas de Boa Vista em busca de emprego e moradia. Muitos têm ensino superior, mas acabam assumindo funções que exigem menos qualificação e, para economizar, dividem imóveis com conterrâneos na mesma situação. Outro fator é a presença de imigrantes da etnia indígena (warao) também venezuelanos, porém alguns deles só falantes da língua warao, mesmo nome da sua etnia.

Tendo em vista essa situação, no dia 29 de novembro de 2016, foi criado em Boa Vista o primeiro Centro de Referência ao Imigrante (posteriormente chamado de Abrigo Provisório para Imigrantes Venezuelanos-APIV), pelo Governo estadual, através do Gabinete Integrado de Gestão Migratória em parceria com organizações não governamentais (ONGs) e órgãos públicos, para ajudar os imigrantes venezuelanos que vivem em Roraima. Aproveitando esse espaço de convivência dos imigrantes em Boa Vista, foi possível realizar uma pesquisa de campo para coletar depoimentos dos imigrantes venezuelanos e, assim, facilitar a discussão a respeito da sua situação, analisando a maneira como os venezuelanos estão lidando com os choques culturais e linguísticos no Brasil, assim como, também, discutir as circunstâncias nas quais se desenvolvem os seus processos migratórios e as implicações dessas migrações para o Estado.

Com esta proposta, também fica evidenciado a importância da mulher warao na comunidade indígena Warao, pois o fato de pedir dinheiro nas cidades, para elas não é um ato de mendicância, é considerado um trabalho, como o faziam na comunidade indígena Warao no Delta Amacuro quando coletavam frutos. E esse fato dá à mulher warao um empoderamento, muitas

das vezes como única provedora do lar, com inversão de papeis, o homem tomando conta das crianças maiores (pois as mulheres levam as crianças de colo para, segundo elas, despertar maior compaixão e arrecadar mais dinheiro), constituindo uma sociedade matriarcal.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO INDÍGENA WARAO DA VENEZUELA

Os Waraos são originários do Delta do Orinoco, (Figura 1) localizado ao Nordeste da República Bolivariana da Venezuela, e são tradicionalmente habitantes do rio Orinoco e cercanias assim como dos afluentes desse grande rio.

**Figura 1** - Mapa da Venezuela com destaque para o Delta do Orinoco ou Delta do Amacuro



Fonte: <<http://venezuelatuyadeltamacuro.blogspot.com/2013/11/el-estado-delta-amacuro.html>>.

Os Warao são a segunda maior grande população indígena da Venezuela e vivem milenarmente no delta do Orinoco, e na beira do mar do Caribe, que compreende o estado de Delta Amacuro (40.280 hab.), mas também foram encontrados Waraos em outros estados; Monagas (6.588 hab.); Bolívar (850 hab.); Sucre (727 hab.).

Na Venezuela há, aproximadamente, quarenta povos indígenas. A distribuição aproximada de suas principais etnias no território venezuelano é ilustrada na Figura 1. Algumas dessas etnias têm seus territórios de uso e ocupação tradicional divididos por fronteiras internacionais. Os Warao são a segunda maior população indígena deste país, somando cerca de 49.000 indivíduos e encontram-se distribuídos em centenas de comunidades situadas na região caribenha do delta do Rio Orinoco, no litoral venezuelano, e em diversas cidades do entorno deste delta, em uma região que abrange todo o estado de Delta Amacuro e zonas dos estados de Monagas e Sucre. (GARCIA CASTRO & HEINEN, 1999; VENEZUELA, 2016, Apud, ;RAMOS, BOTELHO, TARRAGÓ, 2017, p. 3).

Os Warao viviam de agricultura, caça, pesca e coleta tradicionalmente para a sua reprodução sociocultural dentro do seu território, com abundância, sem precisar sair para outros espaços. Os contatos mais recentes a partir das décadas de 1920 e 1950 com a primeira frente de colonização na Venezuela, resultaram em exploração, precisamente de empresas madeireiras que interferiram de forma avassaladora sobre sua população e comunidades, promovendo a devastação do seu meio ambiente e levando diversas doenças e epidemias para esse povo.

A segunda frente de violência social, senão de desterritorialização, foi o garimpo na terra dos Warao que levou muitas epidemias; causou, a degradação ambiental, a contaminação das águas dos rios e dos peixes; e interferiu na sua forma tradicional de agricultura.

A terceira frente, não menos brutal, se deu nos últimos vinte anos quando uma grande epidemia atingiu o povo Warao, comprometendo a sua reprodução física e social. Então, os Waraos começaram a sair do seu território e a estabelecer um contato muito maior com a sociedade envolvente da Venezuela.

Saíram para vender o seu artesanato nos grandes centros urbanos venezuelanos e acessar serviços de educação e saúde. Nos últimos 20 a 30 anos exercitaram forçadamente o contato sociocultural e político-econômico

com a sociedade venezuelana. Todos os fatores elencados acima corroboram para a compreensão da sua mobilidade, antes restrita aos seus territórios ocupados tradicionalmente.

Não existem registros de outras ocupações fora do perímetro espacial e fisiográfico descrito antes que configure os Warao como povo nômade, logo o delta do Orinoco é o seu espaço tradicional de habitação. Como não existia atendimento de saúde, sendo este serviço efetuado de forma esporádica e a ausência da escola, os Warao buscaram sair do seu território para acessar esses serviços nas cidades mais próximas.

Por isso muitos Warao falam somente a sua língua materna e não falam o espanhol, a língua oficial do seu país, e muitos não são alfabetizados, sendo necessária a urgência da presença da escola para se alfabetizarem. Os que são alfabetizados têm a emergência de serem inseridos na escola para darem prosseguimento ao letramento correspondente aos seus estudos, e as crianças que não possuem nenhuma escolaridade devem ser matriculadas para iniciarem o processo de letramento.

Esse processo de apreensão através da educação é uma demanda dos Warao que querem estudar e fazer cursos profissionais para inserir-se no mercado de trabalho e contribuir para as suas famílias e com a economia do Estado brasileiro.

### 3 MIGRAÇÃO DOS WARAOS PARA O BRASIL

Em virtude de adversidades os Waraos saíram do local de origem buscando novos locais para sobrevivência, fato este que fez com que ultrapassassem as fronteiras territoriais de seu país; vindo parar ou fixar residência no estado de Roraima desde 2016. Em Roraima, estado brasileiro localizado na fronteira norte da Amazônia, alguns grupos chegam à cidade de Pacaraima, no abrigo *Janokoida*, palavra que, em Warao, significa “casa” e em Boa Vista, capital do estado, e passam a viver no Abrigo Provisório para imigrantes venezuelanos (bairro Silvío Botelho-Pintolândia I) que aloja aproximadamente 600 indígenas, onde contam com alimentação, atendimento médico, aulas de warao, espanhol, português e com outros serviços humanitários.

O abrigo faz lembrar os espaços que os indígenas ocupavam na Venezuela: há um *redário* – local onde ficam as redes para dormir – e fogão à lenha. O esforço é para que as tradições e a cultura não se percam. Ao contrário dos abrigos para os imigrantes não indígenas, em que são oferecidas três refeições diárias, nos abrigos indígenas, os acolhidos preparam os pratos; os alimentos são distribuídos para que preparem sua própria comida da forma tradicional. Isso também auxilia para que eles não fiquem só recebedores dessa ajuda humanitária e faz com que mantenham os vínculos culturais e sociais.

A mudança de país, além de afetar as condições socioculturais inerentes a esse fenômeno, causa uma sobrecarga aos sistemas de infraestrutura de modo geral, faz com que os gastos sejam ampliados de forma significativa, uma vez que a redistribuição dos benefícios faz diminuir as ações sociais locais, em virtude dos gastos com alimentação e infraestrutura.

Nota-se, contudo, um esforço desses sujeitos em manter sua cultura material e imaterial no novo local de moradia, onde apresentam as suas tradições e costumes, ficando evidente nas observações o uso de canções e produção de artesanato durante as visitas ao abrigo; assim como as narrativas de mitos.

Porém, a falta de especialização profissional para entrar no mercado de trabalho formal, sendo na maioria dos casos pela falta de documentos comprobatórios, faz com que muitos se tornem pedintes, situação encontrada nos cruzamentos das ruas em Boa Vista e em outras cidades do Brasil. As acomodações divergem dos modos de vida deste povo em sua região de origem, fato que pode ser superado com a confecção dos materiais de sobrevivência que são manufaturados pelos mesmos.

## 4 METODOLOGIA

Foram realizadas duas visitas técnicas ao Abrigo Provisório para Imigrantes Venezuelanos (APIV), no Ginásio da Pintelândia, localizado na Rua Alípio Freire de Lima, s/n, do bairro Doutor Silvio Botelho.

Na primeira visita, utilizou-se o método de pesquisa ação com enfoque exploratório qualitativo (indutivo), que estimula a pensar de maneira livre. Foi feita uma observação de maneira espontânea, abrindo espaços para a interpretação, com a finalidade de familiarizar-se com o sujeito de pesquisa e o ambiente em que se encontrava inserido. Assim, pretende-se facilitar a identificação dos aspectos culturais presentes nesse espaço de convivência.

Em uma segunda visita se procedeu à coleta de dados, por meio de instrumentos como entrevistas, com questionários previamente elaborados. Quanto às técnicas utilizadas na pesquisa, segundo Heller (1998), apud (FREITAS, 2007, p.100) “É de praxe se trabalhar com uma coleta de registro múltipla, composta por mais de uma técnica de coleta.” Sendo assim, utilizamos as técnicas da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo do tipo exploratória, observação direta intensiva realizada tanto por meio da técnica de observação participante e em equipe que consiste “na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo” (MARCONI E LAKATOS, 2010, p.177) e por meio de entrevista semiestruturada, gravada e transcrita de acordo

com as normas de Marcuschi (1986) “[...], pois transcrever uma entrevista é fazer recortes, estabelecer regras e critérios na transcrição [...], facilitando o processo de escolha do que é importante para a pesquisa”.

Utilizou-se também o diário de campo, pois “é um instrumento de coleta de dados que vêm diretamente dos sujeitos da pesquisa, mas é também o instrumento de coleta de reflexão do próprio pesquisador. Tem função dupla” (MARCUSCHI, 1986, s/p.). Todas as observações e perguntas consideravam as relações de significado, de tempo e espaço, ajudando-nos a interpretar a forma de ser e pensar dos participantes da pesquisa a partir da sua condição de imigrantes. Por fim, em um terceiro momento segue a classificação e análises dos dados coletados, considerando os conceitos teóricos estudados.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No abrigo da Pintolândia em Boa Vista-RR, no que tange especificamente ao papel da mulher warao, destacam-se aqui alguns pontos da pesquisa: No dia da visita ao abrigo, o líder informou que as mulheres warao que iam participar da pesquisa haviam saído para a rua, onde iam vender seus artesanatos e pedir dinheiro. Apenas duas se propuseram a participar, e o líder também queria compartilhar sua cultura e seus costumes conosco.

As narrativas a seguir falam da cultura Warao e o Papel da mulher na relação de poder na família. Aqui importa reter o que eles revelam de sua etnia e as experiências aqui no Brasil.

Primeiro tem os cuidados da casa, com as crianças; também trabalham na agricultura, no artesanato, esse é o único trabalho que há em parte dos warao, fazem cestas, redes, chapéus, temos cuidado com o que fazemos. São trabalhos dos warao. Os homens, pescam, semeiam, por exemplo, nós dizemos “cumochino”, que é parte da comida dos warao, graças ao “cumo” nós vivemos ali na nossa terra. As mulheres levam as crianças à escola, ensinam as tarefas da casa para as meninas, e os homens ensinam para as crianças a agricultura, a semeadura, a pesca e o artesanato (liderança warao em abrigo na cidade de Boa Vista-RR). (Tradução minha).

As mulheres são responsáveis por cozinhar, cuidar das crianças e dos idosos, bem como participar da colheita do cumochino, um tubérculo muito importante para a alimentação dos warao, que apenas pode ser colhido e preparado pelas mulheres.

Para Garcia Castro (2000) os Warao possuem clara divisão sexual do trabalho em suas comunidades, competem aos homens a pesca e construção de canoas e às mulheres a elaboração da farinha e a cestaria. Quando em expedição pelas cidades, algumas regras sobre divisão sexual podem se apresentar invertidas, com os homens cozinhando enquanto as mulheres trabalham fora “pedindo” em vias públicas.

**Figura 2** - Mulher warao pedindo esmola nas ruas de Boa Vista-RR (2016).



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

**Figura 3** - Mulheres warao pedindo esmola com crianças de colo, nas ruas de Boa Vista-RR (2016).



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

**Figura 4** - Mulheres warao pedindo esmola nas ruas de Boa Vista-RR (2016)



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

**Figura 5** - Mulheres warao pedindo esmola com crianças de colo, nas ruas de Boa Vista-RR (2016)



Fonte: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Mais-indias-venezuelanas-chegam-para-pedir-esmola-nos-semaforos-/22490>>. Acesso em 2016.

Considerando que o cenário sociocultural nos centros urbanos difere radicalmente do entorno a que os warao estão familiarizados, a correlação que fazem entre coletar produtos silvestres e “coletar dinheiro” parece ser a chave da viabilidade e produtividade com que estes realizam suas atividades



urbanas, levando implícitos dentro do contexto warao, padrões análogos que nos ajudam a entender essa mendicância, que é vista pela comunidade warao como um trabalho não censurável, mesmo levando as crianças de colo.

Para Ayala e Wilbert (2008, p.99), as mulheres associam o processo e a habilidade que involucra o “pedir dinheiro” com as estratégias com as quais usufruíam na região dos “caños” do Delta baixo, para coletar seus alimentos. Segundo elas, a diferença consiste em que, em lugar de adentrar-se no bosque em busca de alimentos silvestres, entram nas cidades e em menos tempo, obtêm o dinheiro suficiente para cobrir suas necessidades alimentícias. Ou seja, a incursão das mulheres warao nos centros urbanos do país (inicialmente em Venezuela, depois em Brasil) é apenas uma extensão das incursões recorrentes em busca de recursos econômicos por meio da coleta de frutos.

O período das incursões não está predeterminado, por seu caráter nômade, acampam na rua, na praça, ou parque. Mas, tal período tem um tempo médio de duração. Quando as mulheres se dirigem às cidades em busca de recursos econômicos, acampam por períodos de três a quatro semanas até conseguir arrecadar o dinheiro suficiente para os provimentos de suas necessidades durante três a quatro meses.

De outro lado, os homens são quem ficam tomando conta das crianças maiores e preparam a comida, enquanto as mulheres, sozinhas ou com seus filhos menores, “trabalham” nos pontos estrategicamente pré-selecionados dos centros urbanos. No final da tarde, as mulheres voltam para o abrigo e intercambiam critérios sobre os espaços urbanos onde a coleta de dinheiro é mais produtiva.

Aos finais de semana, elas dizem: “não trabalhamos”, no dia de sábado se dedicam ao artesanato, especialmente cestas e colares. No domingo, saem para passear ou ficar com os filhos.

Outro motivo que as mulheres warao justificam para coletar dinheiro nas ruas, é que as outras atividades que elas desempenham não são tão rentáveis como a mendicância, por exemplo, com relação à comercialização de colares, estes têm que ser vendidos na rua, porque as lojas pagam muito pouco. Mesmo assim, trata-se de uma atividade que pode ser alternada com o cuidado das crianças, pois o esposo pode vender e gerar ingresso enquanto a mulher toma conta das crianças.

Também não acham rentável manufaturar redes, pois o tempo da mulher warao elaborar uma rede pode demorar entre setenta e noventa dias, já que é um ofício alternado com os cuidados dos filhos e preparação de alimentos. Porém uma mulher warao que sai a coletar dinheiro, pode juntar em dois ou três dias de “trabalho” a mesma quantidade de dinheiro que ganharia pela

venda de uma rede, a qual pode levar até três meses de laborioso trabalho: “as vezes não compensa vender [chinchorro]<sup>1</sup>, pagam pouco e tem muito trabalho. Eu ganho mais trabalhando na rua, procurando a colaboração das pessoa”s. (Depoimento de uma indígena warao) (Tradução minha).

### 5.1 A prostituição nas cidades

Uma prática comum de algumas mulheres que se trasladam sem família às cidades é a prostituição. Conforme o livro de (AYALA e WILBERT, 2008, pp.142-143), constam vários relatos de mulheres warao que, depois de sair da comunidade indígena e ao chegar à cidade, optaram pela prostituição como meio para conseguir recursos financeiros. Algumas dessas mulheres já mantinham relações sexuais desde muito jovens, 13 ou 14 anos, e com o tempo, transformaram essa prática em um trabalho, uma alternativa para obter recursos econômicos. Alguns trechos dos depoimentos que aparecem no livro,

Antes eu saía a trabalhar na rua procurando real com minhas irmãs ...isso era muito cansativo. Estávamos em Puerto Ordaz e um senhor me ofereceu um trabalho em um restaurante (...) pero depois que comecei me sentou em uma mesa para fazer companhia a um homem, depois a outro a beber ron<sup>2</sup> (...) e assim me pagavam por acompanhar ou sair a passear com os homens (...) então fiquei aí, trabalhando com o dono que me dava comida e roupas. Depois minha irmã também começou a trabalhar comigo e então não voltamos mais para a Barrancas<sup>3</sup> (...) (mulher warao Apud AYALA; e WILBERT, 2008, p.142). (Tradução minha).

A ilusão de uma vida melhor, junto ao prato de comida e roupas, convence que vender seu corpo é mais produtivo que um trabalho de 40 horas por semana, aqui outro depoimento:

Trabalhei em casa de família. Limpava, barria, cozinhava. Me davam 80 mil bolos no mês. Bastante trabalho todos os dias. Um amigo de lá me pagou uma cerveja e me deu 30 mil bolos<sup>4</sup> por me deitar com ele (...) depois de 15 dias me deu outros 30 mil (...) eu ganhei em dois dias quase o que a senhora me paga por um mês de trabalho duro. (...) (mulher warao Apud AYALA e WILBERT, 2008, p.142). (Tradução minha).

Em outros casos, há depoimentos de algumas mães sobre a preocupação de trazer as filhas jovens para a cidade, ou leva-las às ruas para coletar dinheiro, pois, em algumas ocasiões, os homens oferecem dinheiro para a mãe permitir que a filha se prostitua com ele.

A cultura Warao reconhece a prostituição, mas não nos termos que se conhece na cultura ocidental, pois é sobre a venda de favores sexuais por dinheiro senão de uma permuta destes com a finalidade que o homem assuma a responsabilidade da manutenção de quem os concede (AYALA; WILBERT, 2008, p.145).

No abrigo da Pintolândia não foram registrados casos de prostituição.

## 5.2 *Manutenção da língua e da cultura Warao*

As mulheres warao dentro do abrigo conservam suas danças e ritos que tentam passar para as novas gerações, assim como a língua warao ensinada no abrigo por professores warao.

Ser mulher na sociedade warao requer um conhecimento íntimo com relação aos vínculos que existem entre o telúrico, cultural e cósmico. Suas crenças cosmológicas manifestam-se em cerimônias e liturgias femininas, nas quais é oferecido o sagú de *moriche* aos avôs espirituais e em troca, as mulheres pedem fecundidade para elas mesmas, proteção contra doenças das crianças e anciãos, e gozar de uma velhice sossegada.

Elas mesmas costuram seus vestidos, coloridos, e dançam em grupo, e fazem questão de se preparar para os eventos exibindo com orgulho suas vestes, os homens também participam das danças, porém guardam muita reverência com o *Kanobo*, um espírito supremo do seu sistema de crenças.

Essa dança é considerada sagrada, tem que ter bastante comida como a Yuruma; dois curandeiros que fumem bastante tabaco, eles falam com Kanobo para não ter doenças, mas no abrigo, os warao perceberam que se dançam depois de duas semanas, as doenças aparecem, então preferem não dançar. O Joba é um canto que se faz para curar um doente, com uma maraca grande vai passando por todo o corpo, até que sai a doença (..) aqui no abrigo não pode fazer porque falta a maraca. O que o curandeiro faz é simplesmente fazer uma reza para tirar a doença. (Depoimento de um warao no abrigo da Pintolândia (tradução minha)).

**Figura 6** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 7** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 8** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

**Figura 9** - Grupo de dança warao. Abrigo da Pintolândia 2016.



Fonte: arquivo pessoal

Desde a época pré-hispânica a mulher no Delta Orinoco tem sido coletora, artesã, fitoterapeuta, cresceu e aprendeu em seu entorno ambiental, participa da plantação de plantas alimentícias, caça de caranguejos marinhos, pesca e utilizou da sua sabedoria indígena para alimentar sua família, preparar medicinas e fabricar objetos proveitosos para a vida cotidiana como tecer chinchorros (rede) e manufatura de cestas e colares.

É muito importante para os warao manter sua língua e cultura, porém temem perder a sua identidade indígena no processo de migração, no abrigo tem uma escolinha

São os velhos, na escola, contam as histórias, as lendas, o mito. A cultura do warao é o baile, quando participam, o baile joropo, chale, só que a cultura vai se perdendo como já está perdendo nessa imigração, quando voltamos também levaremos um pouco desta cultura daqui (Brasil). (Depoimento de um líder warao) (Tradução minha).

Para Ortiz (1983) esse processo de ensino/aprendizagem se chama “transculturação”. Esta “implica a perda de uma cultura anterior” (desaculturação), já a transculturalidade vai além da simples constatação de grupos culturais diversos (multiculturalismo e demais termos já citados), revelando aqui o que é “trans”, ou seja, o que ultrapassa barreiras pré-estabelecidas, tanto geográficas como culturais, em meio a outras. “O prefixo trans, dentre seus muitos sentidos, veicula aqueles de ‘movimento através de’, ‘movimento de ir e vir’, ‘movimento perpétuo’, ‘trânsito’, ‘circulação’, ‘troca’.” (COX; ASSIS-PETERSON, 2007, p.35). Como diz Hall (2003, p.88), são os “[...] cruzamentos e misturas culturais [...] cada vez mais comuns num mundo globalizado.”

Sim, conta meu pai, que não está aqui neste mundo, que minha mãe se juntou a ele quando tinha 9 anos, ainda era uma menina como aqui (ela mostra uma criança), meu pai tinha 12 anos, cresceram no mato tirando o morilin. Como disse o warao a “Yuruma, tiravam e comiam, assim viviam. Já matava muita gente na minha comunidade, morria muito menino, ou seja, morria, morria... Minha mãe, 10 crianças morreram, nós vivos somos 5, no total seriam 15. Lá as mulheres fazem cesária para não ter muitos filhos, pela dificuldade financeira que o país passa, então não pode ter muitos

filhos, ele estava falando que antes as mulheres e os pais queriam muitos filhos quando se casavam, mas hoje não querem, hoje como mudou, hoje não tinha muitos filhos (...) Outra tradição que mudou é quando as moças se desenvolvem, o pai faz uma casinha para ela, quando passava a menstruação tomavam banho e voltavam a sua casa. Isso era antes, hoje mudou, mas ainda existe em algumas comunidades. (Depoimento de uma indígena warao) (Tradução minha).

Percebemos também que a comunidade warao no abrigo é uma sociedade matriarcal; no abrigo as mulheres são empoderadas por meio da oficina de artesanato na qual elas recebem os materiais para elaboração das peças de artesanato (cestas e colares) e cujo objetivo principal é gerar renda e retirar as mulheres da mendicância nas ruas da cidade.

**Figura 10** - Artesanato warao



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 11** - Artesanto warao



Fonte: Arquivo pessoal

(...) As mulheres também, eu tenho a mesma força que os homens. (...) os direitos das mulheres têm que ser respeitados, respeito um para o outro, tem que ser organizado, eu falo ¡mulheres vamos nos organizar! Algumas mulheres se incomodam, e dizem: Maria tu n~so é chefe, não pode falar assim. Por minha família a decisão tem que ser minha, sou eu quem decide o que temos que fazer, aqui (abrigo) as mulheres têm voz, já na minha comunidade não podia falar em uma reunião, não fala, só escuta. (Depoimento de uma indígena warao) (Tradução minha).

Este processo é o que Sen (2002) ressalta que o empoderamento é o processo de ganhar poder, tanto para controlar os recursos externos, como para o crescimento da autoestima e capacidade interna. São as pessoas que se empoderam a “si mesmas”, ainda que os agentes externos de mudanças possam catalisar o processo ou criar um ambiente de apoio.



O primeiro passo para o empoderamento, que deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la. Para se empoderarem, as mulheres devem melhorar a autopercepção que têm sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão e despertar para os seus direitos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados iniciais evidenciam que, apesar dos eventos e dos processos de migração forçada por que passou o grupo de imigrantes Waraos, a língua permanece em uso; mantêm a produção de artesanato; desejam aprender a língua portuguesa; eles sentem a necessidade de interagir com o povo brasileiro, mas sem perder a identidade indígena.

Apesar da mulher warao manter suas crenças espirituais, tradições, custódia dos filhos, e especificamente, sua contribuição e aporte no trabalho como unidade produtiva e provedora da consecução de alimentos para a família, sua entrega e submissão ao homem em seu perseverante compromisso “feminino” da maternidade marcam seu processo de sujeição e serviço no lar.

## NOTAS

<sup>1</sup> Palavra utilizada na Venezuela para significar rede.

<sup>2</sup> Bebida alcoólica típica do Caribe

<sup>3</sup> Região da Comunidade Indígena Warao na Venezuela

<sup>4</sup> Palavra no coloquial usada na Venezuela para significar bolívares que é a moeda oficial do país.

<sup>5</sup> Aqui equivale ao Buriti

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, principalmente, e ao povo warao pelo entusiasmo e acolhimento a minha pesquisa de campo, pelos momentos compartilhados durante o tempo que fui coordenadora do Abrigo da Pintolândia entre 2016 e 2017 antes da operação acolhida. E deixar aqui a minha profunda admiração pela mulher warao, guerreira e digna do orgulho da sua etnia.

## REFERÊNCIAS

- AYALA, Cecilia Lafée-Wilbert; WILBERT, Werner. **La mujer warao: de recolectora deltana a recolectora urbana**. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología. V. Monografía N° 51. 2008
- AUSUBEL, David Paul. **Adquisición y retención del conocimiento: una perspectiva cognitiva**. Barcelona: Paidós, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (RECNEI) /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol.3**. Brasília: MEC\SEF, 1998.
- COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PERTERSON, Ana. Antônia. de. Transculturalidade e transglossia: para compreender os fenômenos das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: BORTONI-RICARDO, Stella; CAVALCANTI, Marilda. (orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 23-43.
- DELTA AMACURO. **Mapa**. Disponível em: <<http://venezuelatuyadeltamacuro.blogspot.com/2013/11/el-estado-delta-amacuro.html>>. Acesso em 01/11/18
- GARCÍA CASTRO, Álvaro “Mendicidad indígena: los Warao Urbanos”. **Boletín Antropológico** nº 48. Enero-Abril, ISSN: 1325-2610. Centro de Investigaciones Etnológicas - Museo Arqueológico - Universidade de Los Andes. Mérida, 2000.
- HALL,Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- FREITAS, Helena Costa. Lopes de. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1203-1230, 2007.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- ORTIZ, Fernando. **El contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983: Del fenómeno de la “transculturación” y de su importancia en Cuba.

SEN, Gita. **El empoderamiento como um enfoque a la pobreza**. In: DEVELOPMENT alternatives with women for a new era. Dawn, 2002. Disponível em: < <https://dawnnet.org/> >.

RAMOS, Luciana; BOTELHO, Emília; TARRAGÓ, Eduardo. **Parecer Técnico/SEAP/6ªCCR/PFDC Nº 208/2017** Sobre a situação dos indígenas da etnia Warao, da região do delta do Orinoco, nas cidades de Boa Vista e Pacaraima. Ministério Público Federal-Procuradoria Geral da República 2017.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## RESUMO

O povo Warao foi o primeiro grupo que chegou ao Estado de Roraima em 2015. Esse povo ocupa tradicionalmente o estado Delta Amacuro, localizado ao leste da Venezuela, formado pela desembocadura do rio Orinoco, um dos maiores rios do mundo e é caracterizado por uma exuberante riqueza paisagista. Este trabalho apresenta resultados referentes à pesquisa de campo desenvolvida no Abrigo da Pintolandia (Boa Vista-RR), no ano de 2016 e que teve como objetivo identificar de que forma os indígenas imigrantes venezuelanos da etnia Warao conservam sua língua, cultura, costumes e rituais, em especial, analisando a mulher warao no seu trabalho não mais como coletora de frutos na comunidade mas, sim, como coletora de dinheiro na cidade. Como metodologia, foi utilizado o método de pesquisa-ação com enfoque de caráter exploratório qualitativo (indutivo), permitindo uma observação espontânea e coleta de dados, por meio de instrumentos como entrevistas; questionários previamente elaborados, abrindo espaços para a interpretação e facilitando a identificação dos aspectos culturais presentes nesse espaço de convivência. Os Warao têm se adaptado a seu novo estilo de vida e à convivência com os *criollos* (não índios). Há aumentado o número dos habitantes, mas não sua qualidade de vida. Seu estado de saúde, no geral, o mesmo que seu padrão de nutrição, parece ter-se deteriorado. Quanto ao seu acervo cultural, constata-se a grande quantidade de material mitológico Warao em forma de literatura oral. A comunidade warao procura manter sua língua e sua cultura por meio do ensino bilíngue, do trabalho com artesanato e das danças típicas na cidade de Boa Vista-RR. Alguns já migraram para Manaus, Santarém, Belém e Brasília, porém levando consigo o costume de coletar dinheiro nas cidades, o qual é considerado como um trabalho para a mulher warao. Elas não se consideram pedintes de esmola. Ao contrário, afirmam que estão coletando dinheiro como faziam outrora, coletando frutos na comunidade indígena do Delta Amacuro, constituindo uma sociedade matriarcal com inversão de papéis e empoderamento da mulher warao, sendo em muitas ocasiões, única provedora da família. No entanto, os resultados da pesquisa apontam que apesar da mulher warao manter suas crenças espirituais, tradições, custódia dos filhos e, especificamente, sua contribuição e aporte no trabalho como unidade produtiva e provedora da consecução de alimentos para a família, sua entrega e submissão ao homem em seu perseverante compromisso “feminino” da maternidade marcam seu processo de sujeição e serviço no lar.

**Palavras-Chave:** Mulher; Mendicância; Cultura; Warao.

## ABSTRACT

The Warao people, were the first group to arrive in the state of Roraima in 2015. These people traditionally occupy the Delta Amacuro state, located east of Venezuela, formed by the mouth of the Orinoco River, one of the largest rivers in the world and is characterized by an exuberant landscape wealth. This paper presents results referring to the field research developed in the Abrigo da Pintolandia (Boa Vista-RR), in the year 2016 and that aimed to identify how the Venezuelan immigrant indigenous people of the Warao ethnicity preserve their language, culture, customs and rituals; in particular, analyzing the Warao woman in her work no longer as a fruit collector in the community, and yes, as a money collector in the city. As methodology, we used the method of action research with a qualitative exploratory approach (inductive), allowing a spontaneous observation and data collection, through instruments such as interviews; with previously prepared questionnaires, opening spaces for interpretation and facilitating the identification of cultural aspects present in this space of coexistence. The Warao have adapted to their new lifestyle and to living with criollos (non-Indians). The number of inhabitants has increased, but not their quality of life. Their state of health in general, as well as their standard of nutrition seems to have deteriorated. As for their cultural heritage, there is a large amount of Warao mythological material in the form of oral literature. The Warao community tries to maintain their language and culture through bilingual education, handicrafts, and dances in the city of Boa Vista-RR. Some have already migrated to Manaus, Santarem, Belem, and Brasilia, but they take with them wherever they are, the custom of collecting money in the cities, which is considered a job for the Warao women, they do not consider themselves beggars, they claim that they are collecting money as they once did, collecting fruit in the indigenous community of the Amacuro Delta, constituting a matriarchal society with role reversal and empowerment of the Warao woman, being on many occasions the sole provider for the family. However, the results of the research indicate that although the Warao woman maintains her spiritual beliefs, traditions, child custody, and specifically, her contribution and contribution to the work as a productive unit and provider of food for the family, her surrender and submission to the man in his persevering "feminine" commitment to motherhood mark her process of subjection and service in the home.

**Keywords:** Woman; Mendicancy; Culture; Warao.